

MESA COORDENADA

EIXO TEMÁTICO: Formação Profissional/Fundamentos/História-Teoria-Método

Comunicação Oral – Ensaio teórico

NO QUE SE SUSTENTA A FALÁCIA DE QUE “NA PRÁTICA A TEORIA É OUTRA?”

Yolanda Guerra*

RESUMO

A presente comunicação visa refletir sobre um dos principais dilemas da formação e do exercício profissional: a suposição de que na prática a teoria é outra. A hipótese é de que o perfil de profissional que se pretende, capaz de responder a estes novos tempos, não pode mais se deixar condicionar por esta falácia. Se isto é verdade, então temos que arrancar a questão do universo do senso comum a fim de problematizá-la e trazê-la para o campo da análise rigorosa e fecundamente crítica, respondendo as seguintes questões: A que necessidades sociais esta falácia atende? De que pressupostos ideológico-políticos ela se sustenta e quais ela alimenta?

PALAVRAS CHAVES: Teoria Social, Prática Social, respostas profissionais.

INTRODUÇÃO

A formação profissional do assistente social está marcada transversalmente pelos dilemas da contemporaneidade. Neste âmbito, os assistentes sociais devem se transformar em profissionais competentes para compreender a crise, os movimentos da economia, da cultura e da política, os movimentos sociais, as instituições jurídico-políticas e as organizações sociais, a dinâmica dos grupos e dos indivíduos. É necessário que se tenha uma visão dos processos sociais como totalidades que se compõem de vários aspectos e âmbitos e que possuem níveis diferentes de complexidade. Uma leitura do real com essa amplitude necessita de teorias macroscópicas sobre a sociedade, as quais permitam que se apreenda tanto os elementos estruturais quanto conjunturais e as relações entre os vários elementos que compõem a realidade na qual estamos inseridos. Mais ainda, faz-se necessária uma teoria que permita perceber como os principais dilemas contemporâneos se traduzem nas particularidades do Serviço Social e se expressam nas requisições e competências sócio-profissionais e na cultura profissional. Aqui subjaz a premissa de que a complexidade da realidade exige profissionais que não

* Doutora em Serviço Social, Professora da Escola de Serviço Social da UFRJ, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre os Fundamentos do Serviço Social na Contemporaneidade –NEFSSC. End. Rua General Ribeiro da Costa, 56/101-Leme-RJ 22.010-050. Email yguerra1@aol.com

apenas respondam as suas demandas, mas que as compreendam nos seus significados sociais e que pela sua intervenção lhes atribua outros. Assim, a nosso ver, o desafio consiste em formar profissionais capazes de atuar sobre a realidade, mas também de identificar suas demandas, apropriar-se criticamente das mesmas, reconfigurá-las e enfrenta-las de maneira eficaz e eficiente. Entendemos que só assim estarão dadas as possibilidades de os assistentes sociais construir as estratégias sócio-políticas e profissionais para responderem as demandas e requisições profissionais.

Nesse contexto, o profissional que atenda às requisições do mercado de trabalho, mas que não se limite a elas, deve ter uma sólida formação teórico-metodológica em termos de conhecimentos teóricos e interventivos.

Não obstante as evidências de tal exigência, no senso comum, naturaliza-se o chavão sobre a existência de um fosso entre o conhecimento teórico e a sua capacidade de implementação. Ora, quem nunca ouviu, afirmou ou mesmo duvidou do famoso jargão de que “na prática a teoria é outra?”

A presente comunicação visa refletir sobre esta questão vista como um dos principais (falsos) dilemas da formação e do exercício profissional. A premissa é de que o perfil de profissional que se pretende, capaz de responder a estes novos tempos, não pode mais se deixar condicionar por este falso dilema. Se isto é verdade, então temos que arrancar a questão do universo do senso comum, investir na sua problematização e trazê-la para o campo da análise rigorosa e fecundamente crítica. Para tanto, o procedimento adotado foi o de investir na busca dos fundamentos sócio-históricos e ideo-culturais sobre os quais esta questão se assenta. Como diz Lukács: “Sem descobrir os fundamentos reais da situação histórico-social, não há análise científica possível” (Lukács, 1976:15- trad. nossa)

OS FUNDAMENTOS DA FRAGMENTAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Em primeiro lugar cabe identificar do que se sustenta a concepção de que “na prática a teoria é outra?”

De uma determinada concepção na qual a teoria detém a possibilidade de ser implementada na realidade social e/ou de ser capaz de dar respostas imediatas a ela. Aqui considera-se Teorias Sociais um conjunto de regras,

modelos, procedimentos e referências instrumentais precisas, capazes de serem imediatamente aplicáveis na realidade.

Concebida à luz dos fundamentos filosóficos do pragmatismo e do utilitarismo, para os quais “o significado de um conceito é determinado pelas conseqüências experimentais ou práticas de sua aplicação” (Haack, 2002:641) esta noção de teoria tem o seu valor, alcance e papel condicionados à sua capacidade de dar respostas prático-empíricas à realidade. A teoria de resultados é um produto típico do desenvolvimento capitalista e vincula-se a dimensão instrumental da razão que na ordem burguesa passa a ser a razão hegemônica, embora não seja o único nem o último padrão de racionalidade, como defendem os que, como nós, ainda acreditam nas possibilidades emancipatórias da razão moderna e consideram que as promessas do iluminismo ainda portam a tendência de se realizarem.

Conseqüências ideológicas que daí derivam: a tendência de considerar como inútil, inoperante e impotente os pressupostos teóricos que não tenham o estatuto de responder imediatamente as exigências práticas da sociedade. Nesta concepção, e este não é um fenômeno novo, o que se observa é que a teoria ao longo dos anos tem sido rechaçada, negada em suas possibilidades mais elementares. A que e a quem serve esta estigmatização e desqualificação da teoria?

Não é demais lembrar que esta separação entre teoria e prática encontra-se subjacente à racionalidade hegemônica do capitalismo. Ela repõe a alienação essencial do capitalismo - separação entre os proprietários e não proprietários dos meios de produção - sob bases mais complexas, de modo que a cisão entre os que pensam e os que executam que fundamenta a alienação no trabalho é particularizada na ordem burguesa constituída como o processo de reificação¹. Produto necessário do processo de reificação é uma concepção de conhecimento que não ultrapasse a aparência dos fatos; que não supere o âmbito da experiência imediata; que conceba os fenômenos na sua positividade; que descarte o seu movimento de constituição e que, por isso, não seja capaz de captar o movimento; que suprima as mediações sociais constitutivas e constituintes dos processos; que defenda a impossibilidade de

¹ Conforme sustenta Netto, em Marx a reificação é a expressão típica da alienação engendrada pelo capitalismo (Cf. Netto, 1981: 61 e outras).

conhecer a essência (a coisa em si). Sem o conhecimento dos fundamentos, a elaboração teórica nega-se a si mesma. Esta forma de produção do conhecimento vira presa fácil para servir de instrumento de manipulação. Como afirma Lukács,

“se de fato a ciência não almeja conhecer de maneira mais adequada possível a realidade do ser em si, se não se esforça a descobrir com métodos cada vez mais aperfeiçoados novas verdades que necessariamente também são fundadas ontologicamente e que aprofundam e multiplicam os conhecimentos ontológicos, em última instância, a sua atividade se reduz a sustentar a práxis no sentido imediato. Se a ciência não pode ou, talvez, conscientemente não quer ir além deste nível, a sua atividade se transforma em uma manipulação dos fatos que interessam aos homens na prática” (1988:103).

Percebe-se, nesta forma caricatural de compreender o real, que o processo de produção do conhecimento tem a prática como a referência da teoria. Faz parte do referencial do materialismo tomar a prática como critério de verdade. Entretanto, cabe aqui captar qual a concepção de prática que está sendo utilizada. Aqui, a prática é sinônimo de atividade, experiência de indivíduos, modos de operar dos mesmos. Esta concepção de prática acaba por superestimar a experiência sustentando-se na assertiva de que “só se aprende a fazer fazendo”. Tomada no seu sentido utilitário, esta prática nega a teoria² e a reduz ao senso comum, pois a considera suficiente para fornecer aportes à experiência. A perfeita sintonia entre senso comum e atividade, considerando o nível de consciência (e o conhecimento) exigido para atuar em situações imediatas, sanciona a utilidade do saber do senso comum para responder às demandas da atividade imediata. A veracidade do conhecimento passa a ser variável da sua utilidade, da sua aplicação prática e de sua capacidade de produzir resultados³. Aqui aparecem as requisições sócio-profissionais de caráter instrumental como finalidade em si.

² A noção de teoria com qual estamos trabalhando é a que a considera como uma forma de organização do conhecimento (mas não a única) na qual este se dispõe como um conjunto de pressuposições sistemáticas, explicações, tendências, sobre um determinado domínio da totalidade social. Na tradição que vem de Marx, a teoria é o conjunto das representações no nível do pensamento que expressa o modo de ser do objeto no seu movimento de constituição, ou seja, o objeto é apreendido como processo, e como tal, nas suas determinações e categorias constitutivas, legalidade imanente, conexões, articulações que constituem sua particularidade. Aqui, o processo de elaboração teórica é o de “elevar a conceito o movimento concreto” (Cf. Lukács, in Guerra, 1995:182)

³ Cabe destacar a máxima do pragmatismo: o verdadeiro é o útil, de modo que a veracidade do conhecimento está na sua utilidade.

Embora não sendo a única maneira de conceber a teoria, para efeito de considerar o Serviço Social esta maneira é a que, a nosso ver, tem sido hegemônica na profissão⁴.

Aqui cabe a reflexão: qual é o papel da teoria para uma profissão interventiva como o Serviço Social? De que teoria se trata? Como diferenciar a concepção de atividade da de práxis social?

AS CONSEQÜÊNCIAS DESTE FALSO DILEMA PARA O SERVIÇO SOCIAL

Se não há uma correspondência da teoria na prática ou se “na prática a teoria é outra” (o que, no limite, significa a mesma coisa), numa profissão interventiva como o Serviço Social, pode-se pensar que na formação profissional há teoria demais⁵. Ora, já foi denunciado por inúmeras vezes a aproximação equivocada, manualesca, inapropriada, via fontes secundárias, dos assistentes sociais às diversas teorias sociais⁶ que recobrem os fundamentos da profissão, apropriação essa que envolve matrizes do conhecimento bastante diferenciadas e até antagônicas. Entretanto, em algumas teorias essa “inapropriação” tem efeitos mais ou menos visíveis em decorrência da funcionalidade das mesmas à reprodução do sistema capitalista.

Relação ambígua do Serviço Social com a teoria

No Serviço Social temos observado uma relação conflituosa e ambígua no trato da teoria, comparecendo muitas vezes, tendências equivocadas, dentre elas a:

- 1) Identificação entre teoria social e ciência (cujo modelo é a física e ou a matemática);
- 2) Idéia de que o estatuto da profissão dependeria da adoção de uma teoria (ou ciência) própria;

⁴ No estudo que empreendemos na nossa dissertação de mestrado, do qual resultou uma reflexão sobre a instrumentalidade do Serviço Social, concluímos que: mesmo os profissionais que concebem a teoria como processos de reconstrução da realidade pela via do pensamento, que tem claro que a escolha de uma teoria não é arbitrária, mas ao contrário, vincula-se a projetos de sociedade, visões de mundo e métodos, reclamam da teoria respostas para a prática profissional (Cf. Guerra, 1995).

⁵ Considero que essa afirmação carece de comprovação factual, pois, a nosso ver, se fosse verdadeira teríamos uma preocupação com o rigor teórico, com a apreensão das teorias diretamente das fontes, cuidado e fidelidade na interpretação dos autores clássico e não a caricatura resultante da interpretação que fazemos dos mesmos.

⁶ Quer se trate de teorias que contribuem na reprodução da ordem social e/ou que a justificam quer se trate daquelas de extração progressista.

- 3) Compreensão de que a profissão é um ramo do saber, uma forma de conhecimento do social;
- 4) Concepção de que pelo saber teórico iremos superar o conservadorismo;
- 5) Visão de que a teoria irá nos fornecer as referências prático-concretas de intervenção profissional.

Quanto ao processo de apropriação teórica, no Serviço Social, temos cometido os seguintes equívocos, dentre outros:

- 1) A apropriação e utilização de um elenco de disciplinas e/ou conhecimentos sobre a realidade empírica que são equivocadamente concebidos como teorias, as quais lhe fornecem um quadro referencial eclético, segregado em informações parciais, fragmentadas, abstratas. Exemplo disso é a nossa aproximação às chamadas teorias de médio alcance com viés psicologistas, sociologistas, culturalistas, politicistas, economicista utilizadas para promover e justificar determinados procedimentos prático-profissionais;
- 2) Aproximação de teorias sociais macroscópicas, tanto as teorias sociais como de teorias da ação social, das quais se exige respostas profissionais, convertendo-as em modelos (ou métodos) de ação profissional. Aqui, a riqueza de elementos que cobre a prática e a complexidade das teorias sociais são subsumidas pela aplicação de modelos. Neste caso, pensam seus defensores, se a realidade não se enquadra na teoria, pior para ela.
- 3) A apropriação do arcabouço teórico-metodológico marxiano, de um ponto de vista epistemológico, o que o tem tornado estéril frente às complexas contradições ontológicas da sociedade burguesa na contemporaneidade.

Não é demais lembrar que o caráter modernizante da profissão sempre esteve vinculado a um recorrente apelo aos referentes teórico-metodológicos apropriados inadequadamente por fontes secundárias, via manuais e convertidos em modelos de intervenção profissional, como se as abordagens macroscópicas dos clássicos do pensamento social (Marx,

Durkheim e Weber, etc) pudessem derivar modos de operar para o Serviço Social.

À GUIA DE CONCLUSÃO: A dialética do conhecimento

Problematizar o já consagrado jargão, envolve questionar o que nos parece óbvio. Seguindo a trilha aberta por Labica na sua análise sobre a relação teoria-prática na obra de Marx optamos pela seguinte citação, que embora longa, traduz claramente esta questão:

“Da prática à teoria, o vaivém é constante, e ele não poderia excluir os desvios, ou as mediações que são próprias ao processo do conhecimento. As famosas páginas da Introdução dos Grundrisse consagradas ao “método da economia política” são perfeitamente explícitas neste ponto, quer se trate da apropriação do concreto e de sua reprodução “sob a forma de concreto pensado”, ou do “caminho do pensamento abstrato, que evolui do simples ao complexo” e “reflete assim o processo histórico real”. A concepção tradicional da teoria e da prática se acham profundamente remexida neste sentido. A segunda não está mais reduzida ao fazer elementar do empírico, do cotidiano, do contingente em que se rebaixaria a primeira, ela é produção material pelos homens de sua existência, portanto igualmente de seu pensamento; ela é história real”. (Labica, 1990: 142-3).

Com base nesta afirmação vemos que na concepção marxiana a relação teoria e prática não se dá de imediato (tanto no sentido temporal, posto que ela é sempre *post festum*⁷) quanto no que se refere às mediações fundamentais que se interpõem entre elas. Deste modo, a condição de determinada teoria revelar os enigmas da realidade social é de natureza histórico-social: é necessário que os processos históricos se desenvolvam e se universalizem em termos histórico-universal a ponto de serem captados e reconhecido pela consciência. Daí a teoria penetra no objeto, dissolve sua aparência, busca suas relações, sua lógica constitutiva, suas mediações (particularidade histórica). Porém, a completa resolução do dilema não requer soluções teóricas, mas prático-social. Neste campo (das soluções prático-sociais) a teoria é mesmo inepta. Aqui se põe os limites da reflexão teórica⁸. Quando se passa da universalidade teórica para as particularidades concretas e históricas, surge um conjunto de mediações que a análise teórica não pode responder

7 Ou a posteriori. Isso se expressa na afirmação marxiana de que “a reflexão sobre as formas de vida humana, e, portanto, também a sua análise científica segue sobretudo um caminho oposto ao desenvolvimento real. Começa-se *post festum*, e, por isso, com os resultados definitivos do processo de desenvolvimento” (Marx, 1985: 73).

8 Pensemos, por exemplo, na descoberta por Marx do fetiche da mercadoria. Esta foi uma descoberta teórica. Não obstante, a transformação das relações sociais fetichizadas compete as forças sociais práticas. Neste caso a teoria revela, traz à luz, descobre as relações nas quais os sujeitos estão inseridos, mas não transforma estas relações (ou, como se costuma dizer, a prática social).

completamente. A realidade é sempre mais rica, ampla e plena de mediações que a capacidade do sujeito de captá-las e reproduzi-las pelo pensamento.

O processo do conhecimento se inicia pelos órgãos de sentido, pela intuição e pela representação e vai passando por outros condutos da razão até chegar ao nível mais alto do conhecimento que é o da razão dialética. Mas o processo de conhecimento pode se limitar a níveis inferiores e não alcançar o nível da razão dialética. Ai, no nível da intuição e da representação, a realidade pode aparecer mistificada. Só não será quando a realidade é captada e reproduzida pela razão dialética, racionalista, ontológica e crítica.

Uma distinção que neste processo é fundamental é a de que há diferentes modalidades de apreensão do real, as quais, embora possuam uma autonomia, não podem ser autonomizadas ou atomizadas. Diz Marx que a apropriação teórica se dá de um “modo que difere da apropriação desse mundo na arte, na religião e no espírito prático” (1983). Cada modalidade do conhecimento nos permite uma forma de apropriação do mundo. A mais elementar é a apropriação através do espírito prático, manipulador, realizado no e pelo cotidiano. A apreensão do real pela teoria é diferente de sua apreensão pela arte, religião, espírito prático. Vê-se que o conhecimento teórico é apenas um tipo de conhecimento entre outros e, sobretudo, tende a ser o mais universal e mais completo, uma vez que ele busca captar e reproduzir o real por meio do pensamento. Assim a teoria é uma forma de apropriação do mundo. O conhecimento dado pelo espírito prático, ou o que se convencionou denominar como senso comum, é conhecimento que vem da experiência e que permite a manipulação do mundo. São modos de a consciência se apropriar do mundo. Mas, são conhecimentos de naturezas, de significados e estatutos diferentes.

Para que uma teoria explique uma dada realidade há que se ter um método enquanto uma das mediações mais importantes que se interpõe entre sujeito e objeto no processo do conhecimento. Este não é uma mediação meramente instrumental, mas uma relação constituinte, que embora necessária, não é dada a priori, mas construída no processo. Daí é possível se compreender o método não como o instrumento do sujeito, mas como uma determinada relação na qual os elementos se auto-implicam, daí o vínculo

orgânico entre teoria social e método. Este nos permite a pesquisa da realidade, sem a qual o conhecimento se torna um fim em si mesmo.

Teoria e prática como pólos opostos se confrontam a todo momento: questionam-se negam-se e superam-se, a ponto encontrarem uma unidade que é sempre histórica, relativa e provisória. Não obstante, teoria e prática mantêm sua especificidade e autonomia. A teoria tem que ser vista como a crítica e a busca dos fundamentos. Ela tem validade enquanto reflete as relações sociais reais, e por isso são processuais, relativas. A prática social pode validar uma teoria em determinadas condições sócio-históricas, de modo que a teoria tem que ser reconhecida na prática, mas não nas práticas profissionais. Aqui há que se trabalhar as mediações efetivas e teóricas. A teoria não se gesta, não brota da prática, mas da reflexão sobre a prática: Ela é outro nível do conhecimento que se testa na prática. Tampouco a teoria produz transformações prático-materiais. O que ela transforma são percepções, concepções, elementos necessários, transforma parte da realidade, mas entre a transformação da consciência e do real são necessárias outras mediações. Isto porque o conhecimento no nível teórico não incide diretamente no nível prático-empírico das profissões. Não obstante, o conhecimento nos fornece a compreensão da sociedade na qual se inserem nossos objetos de intervenção, nos fornece também uma compreensão sobre estes mesmos objetos e sobre em que, quando e como intervir. Mais do que isso, a teoria incide sobre a compreensão da direção social, do significado e das implicações desse fazer.

Esperamos ter demonstrado que há que se investir na compreensão correta do significado da teoria para uma profissão interventiva, reconhecendo como relevantes os momentos de apropriação teórica básica para a inserção qualificada do assistente social nos espaços sócio-ocupacionais respondendo competentemente às demandas sociais.

BIBLIOGRAFIA

- GUERRA, Yolanda. A Instrumentalidade do Serviço Social. SP, Cortez, 1995.
- HAACK, Susan, In: Compêndio de Filosofia. Nicholas, Bunnin e Tsui-James, E. P. (Org.) Edições Loyola, 2002
- LABICA, George. As teses sobre Feuerbach de Karl Marx. RJ, Jorge Zahar Editor, 1990.

LUKÁCS, Georg. El Assalto a la razón - la trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler. Barcelona, Grijalbo, 1976

_____. "O Neopositivismo" *In: Teoria e Política* n. 9. SP, Brasil Debates, 1988.

MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. SP, Martins Fontes, 1983.

_____. O Capital - Crítica da economia política. SP, Nova Cultural, 1985

NETTO José P. Capitalismo e reificação. SP, Cortez, 1981

_____. Ditadura e serviço social. SP, Cortez, 1991.

QUIROGA, Consuelo Invasão Positivista no marxismo. SP, Cortez, 1991

